

RELIGIÃO E TRABALHO: UMA ANÁLISE CONTEMPÔRANEA DE SUAS RELAÇÕES

Richard Martins Laia, Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura.

¹ Bacharel em Administração, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu,
richardmartinslaia@gmail.com

² Doutora em Ciência da Informação, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu,
rita@facig.edu.br

Resumo- A religião é um fator importante na vida das pessoas, o catolicismo e o protestantismo trazem consigo uma enorme bagagem histórica e cultural. Weber em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo” traz duas visões diferentes sobre o mesmo contexto, os católicos vêem o trabalho como uma forma de sustento, remissão de pecados e desenvolvimento, enquanto os protestantes avaliam o trabalho como uma forma de adorar a Deus e evitar o pecado. Visualizando todo esse contexto teórico, o objetivo do trabalho é descobrir se na sociedade contemporânea existe diferença entre a visão de trabalho para católicos e protestantes sob a ótica de Max Weber, e para tanto foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada para conhecer a percepção de cada grupo e identificar possíveis semelhanças e diferenças. Conclui-se, portanto que na atual sociedade contemporânea, ambos os grupos têm semelhanças quanto à visão do trabalho, para eles, o trabalho é importante para o sustento, mas também é um meio de se desenvolverem e alcançarem a satisfação profissional, confirmando assim a tese de Weber para os protestantes, mas que diverge um pouco sobre a visão de trabalho para os católicos.

Palavras-chave: Trabalho, Capitalismo, Protestantismo, Catolicismo.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual tem prezado pela capacidade de possuir bens, levando em consideração o consumismo exacerbado que há muito tempo tem sido pregado nas mídias e ultimamente dentro de instituições religiosas, cujo foco tem sido alterado da crença em um Ser Divino e superior para a religiosidade da vitória financeira, fazendo com que líderes espirituais deixem de ser sacerdotes para se tornarem gurus da auto-estima e vitória pessoal. Para Arsego (2008) o objetivo da igreja há muito tempo deixou de ser apenas espiritual e tem se envolvido cada vez mais com questões políticas e financeiras.

De certa forma, o desejo de satisfação financeira e prosperidade vêm das origens do protestantismo cujo valor do trabalho estava associado à predestinação de ser salvo por Deus, pois quando os mesmos procuravam trabalhar cada vez mais para ocupar a mente e evitar os pecados, acumulavam mais capital, afinal trabalhavam mais do que precisavam, buscando preservar-se das práticas “mundanas” e consequentemente o pensamento nos pecados. Segundo Arsego (2008, p.15) citando João Calvino “[...] Se a mão de Deus estiver sobre a tua cabeça tú serás beneficiado aqui na terra com muita saúde e prosperidades. Por este indício compreenderás que estás predestinado a salvação”. Assim o acúmulo de bens se tornou comum entre os protestantes, a partir daí desenvolvia-se o novo espírito do capitalismo buscando a melhor forma de acúmulo e geração do capital.

Para Weber (2004) os trabalhadores de origem protestante viam o trabalho como algo indispensável para a vida e de certa forma acreditavam que não é o trabalho que propicia a vida ao homem, mas, é o homem que vive para trabalhar. Já o catolicismo condena os juros, lucros, cobiça e os seus seguidores não vêm razão de trabalhar além do necessário para a sua sobrevivência. Weber (2004) também observa que o católico vivia apenas para seu dia atual, trabalhando apenas para comer, sendo assim, não buscavam se aperfeiçoar e qualificar suas técnicas para obter cargos melhores em suas profissões oposto da visão protestante.

Após contemplar as atuais pretensões da sociedade contemporânea, cujo grande foco é a realização pessoal, profissional e financeira, além de trazer o cunho histórico do espírito capitalista baseado principalmente na visão de Max Weber a problemática de pesquisa concentra-se em identificar se na sociedade contemporânea existe diferença entre a percepção do trabalho para católicos e protestantes sob a ótica de Max Weber?

Assim a presente pesquisa tem como objetivo geral, verificar se na sociedade contemporânea existe diferença entre a percepção do trabalho para católicos e protestantes sob a ótica de Max Weber, para tanto buscou-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar a percepção de trabalho para católicos e protestantes;
- b) Analisar as possíveis diferenças na percepção do trabalho dos dois grupos;
- c) Realizar análises comparativas das diferenças e semelhanças fundamentadas no trabalho de Max Weber.

Esta pesquisa justifica-se pelos poucos assuntos abordados no meio acadêmico, juntamente ao fator emocional intrínseco aos trabalhadores relacionado à suas culturas e crenças que podem influenciar direta ou indiretamente seu desempenho de trabalho.

Para atingir os objetivos propostos, foram entrevistados dez trabalhadores, denominados protestantes (5) e católicos (5) convidados a participar da entrevista de forma voluntária, configurando-se amostra de conveniência (MATTAR, 2005). O método de pesquisa descritiva foi utilizado, para Gil (2014), a pesquisa descritiva tem o objetivo de descrever as características da população ou assunto abordado através do questionamento direto às pessoas. Buscando, portanto, um maior aprofundamento na análise dos dados, foi utilizada a abordagem qualitativa, focando nas informações e deixando os dados mais completos (GIL, 2014).

É perceptível na atual sociedade, a importância do trabalho, visto que dele provêm o sustento, porém para ambas vertentes do cristianismo, o trabalho também é visto como uma forma de alcançar os objetivos profissionais e financeiros, confirmando, portanto, a tese de Weber quanto aos protestantes, trazendo consigo a ética cultural do trabalho em sua religião. Para os católicos é perceptível a mudança de visão, impulsionados pelo consumismo e satisfação pessoal, a visão católica deixou de ser apenas ter para viver, mas, viver para ter, tal como a visão protestante, mesmo sabendo que o atual padrão de consumo é prejudicial à sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação teórica

2.1.1 O Trabalho e seus conceitos

Para compreensão dessa temática de pesquisa, é importante compreender com uma maior profundidade a visão de pesquisadores sobre o que é trabalho e o que ele significa para o indivíduo. O trabalho faz parte das necessidades intrínsecas ao homem, e sua origem vem associada ao surgimento do ser humano, quando o mesmo começa a desenvolver ferramentas e buscar alimentos para sua sobrevivência. Durante o desenvolvimento humano e social, a história do trabalho passou por alguns regimes que podem ser nomeados como: primitivo, escravo, feudal, capitalista e comunista (FERREIRA, 2013). A origem do nome trabalho vem do latim *“tripalium”*, que era um instrumento com três estacas que servia para manter presos bois ou cavalos difíceis de serem ferrados” (KUBO; GOUVEA, 2012, p.541).

Fryer e Prayne (1984) avaliam o trabalho como uma atividade útil, determinada e com um objetivo definido que vai além do prazer gerado pela sua execução; podendo se tornar agradável ou não, estar associado ou não a natureza de trocas econômicas e ser executado ou não dentro de um emprego (FRYER; PAYNE, 1984; SHEPHERDSON, 1984). Segundo Carmo (2001), o trabalho é toda atividade que o homem civilizado realiza, transformando a natureza pela inteligência. Quando realiza essa atividade o homem se transforma, se autoproduz e ao se relacionar com os outros homens, estabelece sua base para relações sociais. “Uma vez que o comércio nada mais é que a permuta de um trabalho por outro, é o trabalho a medida mais adequada para mensurar o valor de todas as coisas” (FRANKLIN, 1836, p.267). Marx (2006) complementa essa visão ao relacionar a força humana de trabalho com a mercadoria: “a força humana de trabalho em ação ou o trabalho humano cria valor, mas não é valor, vem a ser valor, torna-se valor, quando se cristaliza na forma de um objeto” (MARX, 2006, p. 73). Dessa forma Marx (2006) defendia o trabalho como uma fonte agregadora de valor a mercadoria produzida, seu ponto de partida é o trabalho assalariado, onde considera injusto o valor pago à compra da força humana do proletariado, pois segundo ele, os trabalhadores não tinham outra opção e não poderiam reclamar. Portanto os burgueses pagavam menos do que a prole deveria ganhar pelo seu esforço e a diferença dos valores iria para o bolso do patrão. Também apresenta a perspectiva que todo trabalho humano mede-se por meio do esforço de

trabalho simples, ou seja, é a essência que todo homem comum e sem nenhuma educação especial possui em seu organismo. Por outro lado, as distintas mercadorias produzidas na época manifestavam a necessidade de diversas formas de trabalho, classificadas em ordem, gênero, espécie, subespécie e variedade, configurando-se na divisão social do trabalho.

Para Bastos, Pinho e Costa (1995) o trabalho é um elemento crítico que contribui para o autoconceito e a identidade pessoal se colocando como uma necessidade de existência, onde os rendimentos servem para satisfazer as necessidades de alimentação, moradia, educação, lazer, arte, prestígio e bem-estar social. Possuindo assim, um forte caráter estruturante nos níveis pessoal e social. Soares (1992) enxerga o trabalho não só como fonte de renda, mas também como uma atividade que possibilita a realização pessoal, *status* social, estabelecendo uma fonte de contatos, deixando, portanto, a vida mais significativa. Um dos fatores da importância do trabalho se deve pela quantidade de horas que as pessoas ficam envolvidas nessa atividade, além de levar em consideração também os dias, meses e anos na preparação do colaborador para essa função, seja na formação escolar que dá a capacidade básica ao indivíduo para a profissão, ou seja, no treinamento específico da organização (KUBO; GOUVEA, 2012). A expressão emprego, muitas vezes é confundida com o significado do trabalho, porém ambas possuem conotações diferentes, para Morin (2001, p. 12) “o emprego trata-se da ocupação de uma pessoa, correspondendo ao conjunto de atividades remuneradas em um sistema organizado economicamente”. Assim a noção de emprego baseia-se na noção do salário e do consentimento em que o colaborador permita a outro indivíduo lhe dar ordens no ambiente de trabalho.

O trabalho se tornou essencial para o ser humano e tem se tornado um dos fatores de prazer e realização pessoal. Para Morin (2001) ao desenvolver o prazer e sentimento de realização das tarefas, o colaborador começa a perceber o sentido do trabalho, afinal quando executa as tarefas, exerce suas competências, atualiza seu potencial e aumenta sua autonomia. Atualmente, muitas pessoas vêm o sentido do trabalho quando ele corresponde aos seus anseios, talentos e expectativas, onde os indivíduos buscam uma forma de provar seus valores e realizar suas ambições, vencendo desafios e perseguindo ideais resultando em um maior senso de responsabilidade. Morin (2001) também observa que um trabalho que possui sentido deve ser moralmente aceitável, ou seja, respeita a forma de viver em sociedade, seja na execução ou nos objetivos traçados, o trabalho deve ser feito de maneira socialmente responsável, respeitando o espaço dos outros colaboradores. Afinal existe a relação de trabalho que desenvolve a identidade de cada um no ambiente de trabalho, reforçando os elos, trazendo afeição, satisfação social e companheirismo ajudando-se a resolver problemas e oferecer suas opiniões sendo reconhecidos pelo sucesso da equipe por meio das idéias dadas ou ampliadas, alcançando assim a satisfação desde os clientes até os superiores. O trabalho está explicitamente associado à noção de emprego, com horários e uma rotina diária com um começo e um fim, estruturando o tempo e a vida profissional do indivíduo, propiciando o salário para prover as necessidades básicas de cada colaborador, além de prover um sentimento de segurança e independência, organizando assim a vida diária e a história de cada um (MORIN, 2001).

Ao relacionar trabalho e religião, Max Weber traz em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, publicado pela primeira vez em 1904, uma nova forma de entender e visualizar o capitalismo, deixando de ser observado apenas de forma econômica e material para ser visto como uma cultura de vida com fundamentos enraizados nas tradições religiosas dos povos de origem protestante (ARSEGO, 2008). Após a introdução do modo capitalista de produção, no século XIX, a idéia de que a prosperidade de um país dependia do trabalho foi amplamente difundida. A partir de então capital, terra e trabalho seriam os fatores de produção na escola clássica de economia, se tornando a base de tudo que fosse produzido (KUBO; GOUVEA, 2012). Portanto,

a era industrial consolidou uma separação geográfica e social do trabalho de todos os outros domínios da vida social e dos conjuntos de relações sociais que caracterizam a família, a comunidade, o lazer, a política e a religião” (BALDRY *et al.* 2007¹ *apud* KUBO; GOUVEA, 2012, p. 542-542).

Ianni (1994) também observa que o trabalho no fim do século XX, tornou-se amplamente global. Da mesma forma que ocorre a globalização do capitalismo, também é perceptível a globalização do trabalho.

¹ BALDRY, C.; BAIN, P.; BUNZEL, D.; GALL, G.; GILBERT, K.; HYMAN, J.; LOCKYER, C.; MARKS, A.; SCHOLARIOS, D.; TAYLOR, P.; WATSON, A. ***The meaning of work in the new economy***. London: Palgrave/MacMillan, 2007.

Um rápido exame do uso do termo trabalho na nossa linguagem cotidiana deixa explícitos dois grandes eixos de significados com componentes avaliativos claramente antagônicos. Tais eixos refletem, certamente, as grandes tradições (histórico-filosófico religiosas) que modelaram a dimensão avaliativa/ afetiva com que nos reportamos ao "trabalho" na atualidade (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 21-22).

A evolução do trabalho então teve a religião como uma das influências que a modelaram. Na visão de Carmo (2001) o catolicismo na idade média avaliava o trabalho como uma oportunidade de redenção divina dos pecados praticados, já os protestantes viam o trabalho como uma forma de se enriquecer e ao mesmo tempo se afastar da luxúria e o ócio. Weber (2004) considera o católico mais sossegado, preferindo uma vida mais segura, com rendimentos menores e menor impulso aquisitivo que, uma vida arriscada e agitada que lhe pudesse trazer riquezas e honra. Exemplificando, o católico preferia dormir bem enquanto o protestante preferia comer bem; portanto viam no trabalho uma forma de glorificar a Deus e evitar o prazer mundano, além de obter riqueza e capital com o dinheiro que lhe sobrava ao se desviar dessas práticas

pois o eterno descanso da santidade "encontra-se no outro mundo, na terra, o homem deve estar seguro do seu estado de graça", trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado. Não é, pois o ócio e o prazer, mas apenas a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com a inequívoca manifestação da sua vontade (WEBER, 2004, p. 143).

Para o protestantismo germânico, Anderson (1961)² *apud* Kubo e Govêa (2012, p. 541-542) afirma que "trabalho é qualquer atividade consciente e proposital que com satisfação provê as necessidades espirituais de um indivíduo e da sua comunidade". Weber (2004) então associa o surgimento da ética capitalista moderna à reforma protestante, unindo o pensamento protestante para o trabalho junto ao acúmulo de bens; por sua vez a igreja católica condenava os juros e a usura, trazendo uma visão mais simples para o trabalho, onde o homem trabalhava para viver, pois "havia pecado e do suor do seu rosto comeria o pão", a visão de trabalhar para se sustentar.

2.1.2 A religião e o capitalismo

Os primeiros cristãos começaram a surgir durante e após a vinda de Jesus Cristo, por isso o nome Cristão (imitadores de Cristo), no capítulo 2 de Atos dos Apóstolos (BÍBLIA SAGRADA, JFA, 2003) pode-se perceber a igreja primitiva, onde pregava o arrependimento e o batismo em Jesus Cristo para a remissão dos pecados, os primeiros cristãos viviam em comunhão, vendiam seus bens e os repartiam entre todos, segundo a necessidade de cada um, portanto eram considerados os homens mais piedosos embaixo do céu, fazendo com que toda a região fosse impactada com seu estilo de vida, alcançando novas "almas" e partilhando para cada vez mais pessoas a cultura ensinada. Arsego (2008) observa que no decorrer dos anos, o cristianismo desenvolveu-se sem uma hierarquia rígida, com bispos independentes e opiniões divergentes sobre a fé. Porém, no ano de 312 o imperador Constantino, convocou o primeiro Concílio das igrejas com a participação de 318 bispos cristãos, assim Constantino construiu uma igreja em um bairro romano chamado *Vaticanus*, e os bispos construíram palácios ao entorno dessa igreja, originando então o Vaticano. Em IV depois de Cristo, Santo Agostinho usou o termo "Católico" pela primeira vez para diferenciar a doutrina considerada então verdadeira das outras que se desviaram das doutrinas da igreja primitiva, entretanto somente no Século XVI com o Concílio de Trento a expressão "Igreja católica", se tornou exclusiva no Vaticano, assim, o Papa, que seria o bispo de Roma, se tornou a autoridade da fé e da moral.

Segundo Arsego (2008) o Concílio de Trento tinha como objetivo fazer frente às reformas protestantes, reafirmando a doutrina católica como tradicional e somente a igreja católica poderia interpretar as escrituras divinas, reforçou o poder do Papa, e por fim dividiu as duas vertentes, a Igreja Católica Romana e a Igreja Protestante. A igreja Católica possuía um aspecto feudal, uma vez que sua fase de desenvolvimento foi nesse período. Durante a idade média a igreja católica foi se tornando extremamente poderosa, interferindo em questões políticas e econômicas, se apoiando no sistema feudalista. Fato é que a igreja católica era um dos maiores pilares do mundo feudal, e sua pregação condenava a usura e os juros, porém Martinho Lutero e alguns outros membros da igreja não concordaram com as atitudes e o caminho que a igreja estava seguindo e então se uniu em prol de uma reforma que ficou conhecida como a Reforma Protestante do século XVI. A

² ANDERSON, N. **Work and leisure**. London: Routledge & Kegan Paul, 1961.

Reforma Protestante ocorreu devido a um conjunto de protestos de caráter religioso, político e econômico que contestavam as pregações da igreja católica, iniciada na Alemanha entre 1517 e 1564. O catolicismo condenava veemente a usura e os juros levando os burgueses a se sentirem ameaçados com a pena de irem para o inferno se não abandonassem tais atos, afinal eles eram grandes proprietários de terras e cobravam juros dos camponeses. Porém com o surgimento do protestantismo, muitos burgueses migraram para essa nova religião, já que a mesma tinha uma pregação mais leve em relação ao acúmulo e empréstimo com usura do capital (ARSEGO, 2008). A pregação da predestinação, uma base calvinista e protestante, diz que Deus dá a sua salvação a um número restrito de eleitos, e que o homem deve buscá-la por meio de uma vida regrada, longe dos pecados e prazeres mundanos, portanto o homem trabalhava mais para evitar pensamentos maliciosos e prazeres carnavais, acumulando mais capital e riqueza. Para os protestantes o trabalho era uma forma de serem bem vistos por Deus, dando significado à sua vida, como uma vocação, o que levava todos a pensarem que este era um sinal da predestinação e salvação; surgia então, a identificação do pensamento protestante junto ao capitalismo (WEBER, 2004).

No Brasil, o catolicismo é a religião com o maior número de adeptos com 64,6% da população (cerca de 123 milhões) segundo dados do IBGE (2010)³ *apud* Azevedo (2012), o catolicismo possui uma relação histórica com o país, desde a colonização portuguesa quando a religião foi trazida por missionários que acompanhavam os colonizadores com o interesse de expandir a fé católica na nova colônia, no contexto da sociedade brasileira, a igreja foi muito atuante e presente em diversos eventos históricos contribuindo diretamente para a formação cultural no país. Desta forma, o autor aponta que

a Igreja Católica está enraizada na nossa cultura, assim como a nossa fala, assim como a nossa música, assim como a influência indígena, africana, portuguesa, nos nossos comportamentos. O Brasil seria muito diferente se não houvesse a presença da Igreja Católica e do catolicismo (COUTO, 2012, sp).

Já o protestantismo esteve mais presente em países desenvolvidos, como a Escócia, Holanda e EUA através do calvinismo, que influenciou diretamente a cultura desses países e sua sociedade era vista como individualista e nada generosa (ARSEGO, 2008). Segundo Weber (2004) países desenvolvidos (Holanda, Inglaterra, França e Alemanha) tinham no Calvinismo a fé central, tais países também foram pioneiros ao capitalismo. Por fim, o Calvinismo foi a primeira ética cristã que deu ao trabalho um caráter religioso. A Inglaterra foi a pioneira do capitalismo, da industrialização e tecnologia, além de estar em uma posição privilegiada geograficamente no continente europeu que a protegia das disputas entre os países vizinhos; a ilha possuía um farto subsolo com carvão e ferro, além de uma facilidade para o transporte marítimo, simplificando a exportação dessas mercadorias. A Alemanha por sua vez, foi bem mais atrasada nos processos de industrialização e modernização, mesmo sendo o ponto inicial da revolução religiosa (ARSEGO, 2008).

Weber (2004) traz uma nova perspectiva sobre o capitalismo, diferente daquele existente na Idade Média, principalmente na China, Babilônia e Índia. O capitalismo moderno para Weber possuía um *ethos* particular, trazia em si não somente a ousadia comercial, mas também uma nova condição moral, onde se assume um caráter de vida eticamente coroadada. E é nesse momento que o termo “Espírito Capitalista” é utilizado, prezando pela honestidade, pontualidade, presteza e outras virtudes, que além de trazer reconhecimento, possibilitam a prosperidade financeira do cidadão, aliando a possibilidade de crédito aos esforços do seu trabalho; relacionando aos conselhos de Franklin (1825) no livro o Almanaque do pobre Ricardo (ou A sciencia do bom homem Ricardo), onde Franklin relaciona o tempo como uma forma de ganhar e perder dinheiro, dependendo das atitudes do indivíduo; também relaciona os créditos de um empréstimo ao bom pagador, que possivelmente conseguirá mais dinheiro emprestado no futuro, prezava pela moderação do dinheiro gasto de forma ociosa e pelo trabalho como um dos motivos da vida, desprezando a preguiça e o tempo ocioso

preguiça reduz a vida. “Preguiça é como a ferrugem, consome mais rápido do que no uso; enquanto a chave usada é sempre brilhante”, como disse o Pobre Ricardo. “Mas você ama a vida? Então não desperdice tempo, pois a vida é feita dele”, como disse o Pobre Ricardo. [...] Se o tempo é o mais precioso de todas as coisas, “desperdício de tempo deve ser”, como disse Pobre Ricardo, “o maior desperdício”; [...] “A preguiça faz todas as coisas fáceis”, como disse Pobre Ricardo; [...] e “dormir cedo e acordar cedo faz um homem rico, saudável e sábio” (FRANKLIN, 1825, p. 9-10).

³ IBGE, **Censo 2010**, 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010

Com o desenvolvimento do capitalismo surge uma sociedade de consumo que alavancou o processo de produção capitalista, principalmente nos Estados Unidos no século XX, resultando em lucro ao comércio e grandes empresas, gerando mais empregos e aumentando a renda, que conseqüentemente gera mais consumo. Para que a produção não parasse, foram desenvolvidos modelos para trazer renda e crédito aos consumidores, além de propagandas que estimulassem o desejo de consumir tais mercadorias, levando a exploração dos recursos naturais para a geração de matéria-prima que serão utilizadas em novas mercadorias, tais como: a devastação de florestas, escassez de recursos renováveis e escassez de recursos não renováveis como reservas de petróleo e diversos minérios, acarretando assim críticas por parte da gestão ambiental a essa sociedade de consumo. A obsolescência programada é um dos aspectos mais criticados da sociedade de consumo, na qual se refere a uma grande quantidade de mercadorias que já foram previamente planejadas para serem descartadas, o que leva o consumidor a consumir um novo produto, aumentando, portanto o consumo, mas também o lixo e a demanda por novos recursos naturais, o que eleva a problemática ambiental desse sistema (PENA, 2014).

O acúmulo de bens a qualquer custo desenvolve ideologias que transforma o consumidor em um verdadeiro “homem de negócio” onde está tão ocupado para ver o que acumulou e conquistou que se esquece de viver e desfrutar a vida, se afundando em um ciclo vicioso, onde o indivíduo pode se livrar ou se afundar ainda mais nele, dependendo de suas prioridades (OLIVEIRA, 2011). Benjamim (1985) analisa o capitalismo como uma religião que escraviza a sociedade, por meio do acúmulo de bens a qualquer custo, onde o capitalista deve aumentar seu capital, com a pena de si sucumbir perante seus concorrentes. Dessa forma, a desvalorização humana frente ao objeto é evidente através da tensão entre sujeito e objeto no sistema de consumo (OLIVEIRA, 2011). Por outro lado, Mises (2009) analisa o capitalismo sob uma forma de oportunidades,

duzentos anos atrás, antes do advento do capitalismo, o *status* social de um homem permanecia inalterado do princípio ao fim de sua existência: era herdado dos seus ancestrais e nunca mudava. Se nascesse pobre, pobre seria para sempre; se rico – lorde ou duque –, manteria seu ducado, e a propriedade que o acompanhava, pelo resto dos seus dias (MISES, 2009, p.13).

Ou seja, o autor aponta o capitalismo como uma chance de desenvolvimento e prosperidade para aqueles de descendência pobre onde os mesmos poderiam lutar por seus objetivos e mudar esse paradigma traçado pela sociedade daquele período feudal. Dessa forma surgiram às pequenas indústrias e comércios, deixando de ser apenas de proveito de ricos para ricos e se tornando acessíveis aos pobres e produzidas ou comercializadas pelos menos afortunados, satisfazendo assim a necessidade de todos. Mises (2009) ainda destaca o desenvolvimento do capitalismo como uma vantagem ao consumidor, onde cada indivíduo tem o direito de servir melhor e/ou mais barato para seu cliente, transformando assim o crescimento da sociedade que vemos hoje, se tornando padrão até os tempos atuais e modernos.

Após analisar aspectos históricos da religião e trabalho é possível visualizar a correlação entre ambos no desenvolvimento do capitalismo e consumismo nos últimos tempos. Do passado desde a visão bíblica e a tradição da religião, até a modernidade e renovação do pensamento religioso; Jesus, em Mateus 6, dá conselhos aos seus seguidores em relação a esperança do futuro e planejamento de vida no surgimento da religião cristã, já vislumbrando um futuro de ansiedade e busca pela satisfação material.

por isso vos digo: Não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário? Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? (BÍBLIA SAGRADA, JFA, 2013).

Já nos tempos modernos é perceptível a busca pelo consumo, onde a religião foi um dos fatores mais importantes para essa mudança de espírito unindo ética religiosa e o espírito capitalista (WEBER, 2004). Nessa citação do livro O Pequeno Príncipe deixa evidente a visão moderna do consumismo relacionada ao desenvolvimento capitalista.

o quarto planeta era o do empresário. Estava ocupado contando suas estrelas. Ufa! São quinhentos e um milhões. –Quinhentos milhões de que perguntou o pequeno príncipe. – De estrelas - E que fazes com essas estrelas? –Eu as possuo. –E de que te serve possuir as estrelas? – Serve-me para ser rico. – E para que te serve ser rico? – Para comprar outras estrelas, se alguém achar. (SAINT-EXUPÉRY *apud* OLIVEIRA, 2011, p.2).

Esse pensamento expressa a realidade atual da sociedade buscando sempre alcançar mais, não se contendo com o que possui, deixando de ser para ter, esquecendo quem realmente somos, para ser quem a sociedade quer, julgando através do *status* o caráter e a personalidade.

3 Metodologia

Para atingir o objetivo proposto de forma clara e completa, recomenda-se o seguinte desenho metodológico, primeiramente, quanto ao tipo, onde será utilizada a pesquisa descritiva, que na visão de Gil (2014) tem como objetivo primordial a descrição das características da população ou fenômeno determinado. Uma de suas características mais significantes é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, trazendo consigo uma análise mais detalhada de acordo com as respostas e afirmações. Quanto à técnica será utilizado o levantamento, onde o mesmo se caracteriza pelo questionamento direto das pessoas em relação ao comportamento que se deseja estudar, possibilitando uma maior profundidade pessoal aos questionamentos, portanto, é a solicitação de informações em um grupo de pessoas sobre o problema estudado, para depois obter conclusões sobre os dados (GIL, 2014).

A pesquisa será realizada na cidade de Manhuaçu, onde dez trabalhadores que se denominem católicos (5) e protestantes (5) participarão da pesquisa de forma voluntária, denominando-se amostra de pesquisa por conveniência, que segundo Mattar (2005) é muito utilizada para testar ou obter idéias sobre determinado assunto. Para a coleta de dados será utilizada a entrevista semiestruturada “caracterizada pela presença de uma pessoa (entrevistador) que fará perguntas e anotará as respostas do pesquisado (entrevistado)” (MATTAR, 2005, p.184). Buscando uma maior flexibilidade e aprofundamento, as questões não seguirão um roteiro rígido e podem sofrer algumas mudanças durante a entrevista, tornando-se assim uma entrevista semiestruturada (BERTUCCI, 2009). A partir do momento em que os entrevistados começam a apresentar e relatar elementos comuns entre cada grupo da amostra, a saturação será utilizada e ocorrerá o encerramento das entrevistas (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Por fim, a análise qualitativa será utilizada para expressar de forma mais íntima as respostas de opiniões de cada entrevistado, para Neves (1996) a abordagem qualitativa não busca medir eventos como a quantitativa, mas é utilizada para buscar maior profundidade nas respostas dos entrevistados, focando nas informações de uma forma mais simples e a transformando em dados mais completos (GIL, 2014).

4 Análise e discussão dos dados

4.1 A percepção católica

Buscando verificar a visão de trabalho contemporânea para católicos e protestantes, foi necessário inicialmente trazer a comparação de cada grupo, a fim de demonstrar diferenças e semelhanças na pregação religiosa, para isso, foram entrevistados cinco membros da religião católica (Entrevistado "C") e cinco da religião protestante (Entrevistado "P"), dividindo em dois tópicos específicos para maior aprofundamento das questões abordadas.

Dando início à entrevista, foi questionado se já foram de outra religião com o intuito de relacionar as respostas com possíveis mudanças de cultura de acordo com a religião atual ou passada, diante disso constatou-se que apenas um dos entrevistados pertenceu à outra religião diferente do catolicismo, o entrevistado “C5” já fez parte da religião protestante, os demais sempre foram católicos. Para entender o significado do trabalho, foi questionado sobre a percepção individual, deixando que expressassem livremente suas observações, grande parte dos entrevistados relacionaram o trabalho como algo necessário para a existência, uma base para o sustento, outros vêm como uma forma de satisfação e dignidade. A fala do entrevistado “C3” exemplifica isso

a base de tudo para o homem, é através dele que se criam as metas para a sua vida, você consegue atingir seus objetivos, seus planos, o trabalho é tudo, sem trabalho a pessoa não é digna. O trabalho pra mim é um dos aspectos principais na minha vida.

Há divergência entre a visão do entrevistado "C3" para a visão do entrevistado "C2", quando um atribuiu toda importância ao trabalho conforme já foi citado, o outro não vê como algo primordial em sua vida, para o entrevistado "C2" o trabalho é uma forma de sobrevivência. Mesmo com algumas divergências, as falas de todos levam a crer que o trabalho é fundamental para sobreviver, seja como algo primordial ou algo necessário os entrevistados deixaram bem claro que o trabalho é o motivo do seu sustento. Para identificar o possível sentimento de realização ao executar o trabalho, foi questionado se os entrevistados sentem algum sentimento de realização ao executar suas tarefas, quatro entrevistados expressaram que realmente sentem essa realização, para o entrevistado "C1" o trabalho traz um conjunto de realizações: financeira, social e *status*, para ele quando se está desempregado você tem a sensação de não ter muito valor perante a sociedade, os entrevistados "C3", "C4" e "C5" também se sentem realizados, para eles esse sentimento é observado quando se atinge as metas, supera desafios, possui um bom emprego em uma grande empresa e alcança um cargo de alto nível na organização, respectivamente. Por outro lado o entrevistado "C2" afirma não ter nenhuma satisfação social ou *status*, para ele a sua única realização é ao superar desafios, quando questionado sobre uma possível relação de sua crença religiosa com aquilo que ele tem como realização no trabalho, o entrevistado "C2" afirmou

não vejo ligação do catolicismo com a realização, pois na história do catolicismo, o trabalho era visto como uma forma de sacrifício, para a remissão dos pecados. Porém hoje em dia isso não é tão seguido, mas para mim a religião não tem tanta ligação com o trabalho. O que eu tento seguir para minha vida é não fazer do trabalho como algo primordial, coisa que realmente acontecia no início do catolicismo, e dentro disso eu sigo a risco. Não quero ganhar o mundo todo e prejudicar a minha vida. Nesse sentido eu acabo sendo fiel, mesmo indiretamente.

As demais opiniões ficaram divididas, para os candidatos "C1" e "C3" não há relação entre o trabalho e a religião, já para os entrevistados "C4" e "C5" o trabalho pode ser sim influenciado pela religião, na visão de ambos a religião influencia os valores intrínsecos e os leva para dentro da empresa, o entrevistado "C5" ainda faz uma relação entre a sua antiga religião (protestante) e a sua nova crença, para ele essa transição trouxe maior conhecimento e aprofundamento dos valores religiosos. Ao serem questionados sobre o grau de importância que o emprego tem em suas vidas, todos foram enfáticos ao dizer que boa parte da importância do seu emprego é pela parte financeira, seja nas necessidades, ou na possibilidade de adquirir bens ou conforto, atingindo assim o sustento familiar. Um dos aspectos interessantes dessa questão foi uma das falas do entrevistado "C3", quando citou a possibilidade de ajudar o próximo, esquecida pelos demais; foi também um dos focos da questão, o quanto o trabalho pode influenciar o convívio familiar e social de cada um deles, e para todos, com exceção do entrevistado "C4", o trabalho não atrapalha o convívio social e familiar, uma das falas do entrevistado "C2" deu ênfase ao equilíbrio em sua vida, para ele ao sair do seu ambiente de trabalho, busca esquecer-se de tudo o que o prende à rotina trabalhista e busca aproveitar o tempo dedicando-se à sua família, estudos e espiritualidade, o entrevistado "C5", não vê em seu trabalho nada que o atrapalhe, seja no convívio social ou familiar. O entrevistado "C4" por sua vez contrasta com tais afirmações, para ele o trabalho tem tomado seu tempo familiar, mesmo sabendo da importância de valorizar as áreas familiares e sociais

hoje onde trabalho não tenho assim tanto tempo para a família, durante a semana eu sou da empresa, não sou da família, nem da igreja e nem dos amigos e sim da empresa, e quando saio dali eu ainda continuo com a empresa na cabeça, pois possuo metas extras, que não posso realizar durante o expediente. E muitas vezes dentro da família a gente fala como empresa.

É visível que parte dos entrevistados busca fazer do trabalho uma fonte de renda que não influencie seu contato familiar e social, seja se policiando para isso, ou pelo bem estar proporcionado pelo ambiente de trabalho, portanto, foi fundamental o questionamento sobre o que é mais importante no emprego dos entrevistados, os entrevistados "C1", "C3", "C4" e "C5" consideram como mais importante seguir os valores organizacionais e religiosos dentro da organização, atingir as metas, convivência e relacionamento dentro da organização e o crescimento interno dentro da empresa, respectivamente. Para o entrevistado "C2" o mais importante é levar a paz para as demais pessoas, segundo ele, o primordial é levar Jesus para todos ali dentro, unindo o trabalho à sua crença religiosa.

Trazendo um novo contexto aos questionamentos, buscou-se obter a percepção da meta pessoal de cada um sobre seus próximos cinco anos de vida profissional e financeira, além de

questionar-se também a possibilidade de já estarem vivendo alguma meta, os entrevistados “C1” e “C5” vêm o próprio negócio como algo possível em suas vidas, o entrevistado “C1” inclusive, já tem se planejado há anos com seu novo empreendimento e em breve deixará seu emprego para se dedicar integralmente ao seu negócio. O entrevistado “C5” por sua vez, vê também a possibilidade de se manter na empresa que atua, seja na gerência ou um cargo de alto nível dentro da organização, segundo ele, essa era a meta de quando entrou na empresa, pois mesmo com várias oportunidades em outras organizações decidiu ficar em seu atual emprego esperando sua oportunidade, “quando você quer crescer, nem sempre você tem que buscar o financeiro, as vezes você deve buscar uma estabilidade e através dessa estabilidade e conhecimento vem o crescimento financeiro” (Entrevistado “C5”). Os entrevistados “C3” e “C4” também demonstraram interesse em crescer dentro de suas organizações buscando a especialização e comprometimento, alcançando seus objetivos diariamente, sem pensar muito lá na frente. O entrevistado “C2” por sua vez, não sabe ainda o que vai fazer, por outro lado ele busca não seguir uma corrida maluca por *status* e poder coisa que já foi primordial para ele um dia, mas, ao conhecer a sua fé e espiritualidade deixou esse pensamento pois para ele essa “sede de infinito” que ele possui só pode ser saciada por Deus e a sua busca hoje é para fazer o bem às demais pessoas. Todos os entrevistados vêm positivamente sua vida daqui a cinco anos, para eles tudo conforme planejam correrá bem, seja no próprio negócio como é o caso entrevistado “C1”, seja crescendo dentro na organização onde trabalham como é o caso dos entrevistados “C3”, “C4” e “C5” ou na busca pela vontade de Deus, que é o desejo principal do entrevistado “C2”.

Buscando conhecer a sinceridade sobre a questão financeira individual, foi feito um questionamento sobre o que cada entrevistado faria com um possível prêmio milionário, todos responderam que sairiam da empresa que atuam, abririam seu próprio negócio e não deixariam de trabalhar, seja para seu próprio negócio, ou em ONGs. O entrevistado “C5” faria esse dinheiro se tornar mais dinheiro, por sua vez os entrevistados “C1” e “C2” citaram a possibilidade de ajudar instituições de caridade, ONGs, a igreja e familiares, a fim de realizar-se socialmente.

Encerrando a entrevista, foi questionada a visão de cada um sobre o atual padrão de consumo e se esse padrão existiria em suas vidas, todos foram unânimes ao descrever que esse padrão de consumo é extremamente prejudicial à sociedade, utilizando expressões como “uma loucura” (Entrevistado “C1”), “Manipuladora” (Entrevistado “C4”) e “uma doença” (Entrevistado “C5”). Para eles a propaganda e a mídia são os principais fatores que levam a esse sentimento consumista populacional, cujo desejo de *status* vêm com aquela vontade de não demonstrar ser pobre (Entrevistado “C5”), os entrevistados “C1”, “C2” e “C5” afirmam que a sua religião influencia superficialmente esse desejo consumista, seja com alguns comportamentos dos membros, palestras ou algumas palavras “deixadas no ar” durante a pregação dos líderes religiosos, por sua vez o entrevistado “C4” afirma que a igreja católica prega contra essa idéia consumista e não vê essa influência pro consumista acontecer dentro da instituição. Por fim, apenas o entrevistado “C5” confessa viver esse pensamento consumista na sua vida, mesmo que inconscientemente, ele acredita que vive esse pensamento sem perceber ao comprar muitas coisas supérfluas, os entrevistados “C2” e “C3” por sua vez, acreditam não estar vivendo essas atitudes em sua vida. Para o entrevistado “C3” o importante é juntar o seu dinheiro para atingir suas metas e adquirir bens no futuro. Já o entrevistado “C2”, vê o consumismo como algo supérfluo que não traz felicidade, para ele, fundamentar nosso caráter no que possuímos se torna algo pífio, afinal todos hoje julgam as pessoas pelo que elas possuem, e todos hoje buscam se adequar a esse padrão, “Acredito que somos muito grandes para fundamentar toda a nossa história, toda a nossa vida no que materialmente a gente consegue adquirir, somos muito mais do que isso; o homem dispõe os seus caminhos, mas é Deus quem conduz” (Entrevistado “C2”). Por fim, tal questão sobre consumismo traz a unanimidade por ser prejudicial, mas divide opiniões sobre a possibilidade de estar vivendo esse padrão e que o mesmo seja influenciado pela mídia ou pela instituição religiosa.

4.2 A percepção protestante

Na busca pela comparação às respostas dos membros da religião católica, foram feitos os mesmos questionamentos para cinco membros declarados da religião protestante, dois entrevistados alegam ter pertencido à outra religião, ambos migraram da religião católica à protestante. O entrevistado “P1” ainda faz uma comparação sobre a sua antiga crença, cujo não era praticante, para ele ao se tornar protestante ele automaticamente teve mais contato com os ensinamentos cristãos que de certa forma mudaram a sua visão sobre trabalho e dinheiro admitindo: “Acredito que hoje sou mais centrado no trabalho, deixo de pensar nas coisas do mundo. Então hoje eu tenho um propósito pra minha vida e, portanto guardo meu dinheiro para alcançar os meus planos.” (Entrevistado “P1”).

Para verificar a definição do ofício de acordo com a amostra protestante, houve o questionamento sobre o significado do trabalho para os entrevistados, os entrevistados “P2”, “P3” e “P5” vêm o trabalho como fonte de sustento, e ambos relacionam o trabalho como meio de sobrevivência. Para o entrevistado “P1” o trabalho é visto como uma forma de se sentir satisfeito e planejar seu futuro,

buscando sempre subir no seu setor e alcançar uma melhoria de cargos. O entrevistado “P4” afirma que seu ofício é uma forma de se sentir digno, para ele o homem que não trabalha não é digno, mas também vê a questão financeira como algo extremamente necessário. Para os protestantes o trabalho é algo imprescindível, tanto para o sustento, quanto no desenvolvimento financeiro e profissional ou na busca pela dignidade e honestidade, como foi a visão do entrevistado “P4”.

Buscando relacionar o sentimento de realização junto ao trabalho, questionou-se essa possibilidade aos entrevistados, todos concordaram que existe realização gerada pelo trabalho. O entrevistado “P1” vê como principal realização o sentimento de concluir suas tarefas diárias, o que o faz se sentir útil, mexendo segundo ele, com seu ego. Os entrevistados “P2” e “P3” vêm um conjunto de realizações geradas pelo trabalho, sendo elas financeiras, sociais, pessoais e quando se está desempenhando aquilo que gosta, respectivamente. O entrevistado “P4” também acredita que suas realizações são um conjunto, mas observa que a demanda principal é a oportunidade de crescer dentro da empresa, unindo o conhecimento do cargo com o reconhecimento do bom trabalho. Por fim o entrevistado “P5” vê a questão financeira como a sua realização principal ao executar seu trabalho.

Quando questionados sobre a relação entre a realização gerada pelo trabalho e sua crença religiosa apenas o entrevistado “P3” não vê tal ligação, os demais admitiram o nexo entre religião e realização do trabalho, para o entrevistado “P1” a ligação está na busca pela ética, sempre procurando fazer o que é certo, seja dentro da organização ou fora dela. Por outro lado, o entrevistado “P2” vê o trabalho como uma forma de seguir os ensinamentos de Jesus, afinal todos desde os discípulos até Jesus sempre trabalharam, segundo ele “sem trabalho até a nossa fé pode ser abalada, e os nossos líderes e pastores sempre nos orientam sobre a importância do trabalho e o quanto é importante dar um bom testemunho no local de trabalho.” O entrevistado “P4” relaciona a questão religiosa à dignidade do trabalho, trazendo consigo os valores do cristianismo como a honestidade com o que compra seus bens. O entrevistado “P5” analisa o atual processo dentro das igrejas protestantes brasileiras, segundo ele há inúmeras pregações que valorizam o sucesso financeiro e profissional, trazendo para o homem o desejo da cobiça, “é perceptível o comércio da fé nessas igrejas protestantes e a idolatria ao dinheiro.” (Entrevistado “P5”).

Ao analisar a importância financeira e social que o trabalho proporciona e o quanto pode influenciar a família e o convívio social dos entrevistados, constatou-se que todos foram unânimes quanto a importância de se manter financeiramente, mesmo que tire o tempo de estar com a família ou amigos, pois o trabalho é essencial para ajudar no orçamento de casa. Ao questionar-se o fator crucial no emprego dos entrevistados, apurou-se que o mais importante para os entrevistados “P1”, “P3” e “P5” é realizar as tarefas e desempenhar bem seu papel dentro da organização, o entrevistado “P2” também busca desempenhar de forma correta seu trabalho, mas também vê como crucial a vivência dos seus valores religiosos dentro da empresa. Por outro lado o entrevistado “P4”, vê o retorno financeiro como fator mais importante do seu trabalho. Para obter a opinião sobre as suas metas pessoais, questionou-se sobre a possibilidade de estarem vivendo uma meta em sua vida ou se já traçaram uma nova meta, os entrevistados “P3” e “P5” tiveram respostas bem parecidas, ambos buscam passar em um concurso público, ou atingir um cargo de chefia e ambos já estão seguindo uma meta traçada para alcançarem seu objetivo, dando seu melhor no trabalho e estudando demasiadamente. Os demais demonstraram um contraste em suas respostas, por exemplo, o entrevistado “P1” almeja o crescimento dentro da empresa que participa, relacionando à sua crença religiosa ele declara

a minha religião me influencia sim a buscar por mais, que sou capaz de alcançar coisas maiores para mim, em outras religiões dependendo você ia querer ficar estável, você não ia querer arriscar outra coisa, foi o que eu vi quando era de outra religião.

O entrevistado “P1” demonstra o desejo de crescer financeiramente, admitindo a influência religiosa, porém financeiramente a sua opinião é diferente, para ele o importante é ter bens para se sustentar e não para ostentar, pois tudo isso fica aqui na terra,

aprendo na minha religião que devemos ter para nos sustentar e não para exagerar. É bom você ter um planejamento profissional, às vezes as oportunidades aparecem, mas não arriscamos, aí perdemos a melhor oportunidade que poderíamos ter. Talvez o que você faz hoje não é o que Deus preparou pra você, talvez Deus tenha algo melhor pra você, mas por não se dedicar e se acomodar você não alcançou.

Por outro lado, o entrevistado “P2” acredita já ter atingido sua meta profissional dentro da organização, porém busca evoluir em seu conhecimento, para se tornar um profissional de excelência, por sua vez, o entrevistado “P4”, tem como objetivo a abertura do seu próprio negócio, pois gosta de ter autonomia para trabalhar. Ao serem questionados sobre como vêm sua vida daqui a

cinco anos, os entrevistados “P1” e “P5”, não conseguem imaginar como estarão as suas vidas, porém irão buscar o melhor para a sua família, seguindo a vontade de Deus. Os demais vêm seu futuro de acordo com aquilo que estão planejando hoje, com mais conhecimento conforme o entrevistado “P2” já havia dito; concursado, como é o objetivo do entrevistado “P3” e o entrevistado “P4” com o seu próprio negócio, de acordo com a sua meta pessoal.

Baseando-se nos interesses financeiros dos entrevistados, foi questionado sobre a atitude deles caso ganhassem um prêmio milionário, a resposta foi unânime, todos deixariam seu emprego atual, os entrevistados “P1”, “P3”, “P4” e “P5” demonstraram interesse de abrir a sua própria empresa. O entrevistado “P4” salienta que se parasse de trabalhar se sentiria um inútil na sociedade, mas não gostaria de ficar no atual emprego, portanto abriria seu próprio negócio conforme já é um de seus planos, por outro lado o entrevistado “P2” disse que iria focar no trabalho social, deixando também seu emprego atual; o entrevistado “P5” relembrou-se da oportunidade de doar esse dinheiro para ONGs ou instituições sociais, esquecida pelos demais entrevistados. O último questionamento focou na visão individual sobre a relação consumista atual, e de que forma esse sentimento poderia estar ligado à vida de cada entrevistado, os entrevistados “P1”, “P2”, “P3” e “P5” consideram o consumismo como algo prejudicial para a sociedade e para as finanças individuais, porém o entrevistado “P4” vê o consumismo como algo extremamente necessário para o desenvolvimento do capitalismo e do padrão de vida como está, ele ainda admite fazer parte dessa sociedade consumista, o entrevistado “P5” também admite tais atitudes mesmo sabendo que essas práticas são nocivas, os demais crêem não viver esse padrão. Ao relacionar religião e consumismo, chegou-se à conclusão que o mesmo está presente na crença dos entrevistados, confirmando tal tese os entrevistados “P2”, “P4” e “P5” assumem que vêm mesmo que indiretamente essa relação, o entrevistado “P2” compara a vida de diversos líderes religiosos que são extremamente consumistas e isso inconscientemente te influencia, o entrevistado “P2” ainda faz uma associação com a vida de Jesus, para ele Jesus não foi contra possuir bens, porém ao possuir demais pode se tornar pecado, pois muitos não tem quase nada. O entrevistado “P5” também faz ligação das atitudes dos membros, influenciando aos demais, mesmo com atitudes superficiais, mas que inconscientemente influi; por sua vez a opinião do entrevistado “P4” diverge das demais, não vendo ligação entre pecado ou cobiça no consumo de bens, para ele ser próspero é um sinal de honestidade.

Na minha religião existe a relação sim do consumo com a religião, as pessoas muito conservadoras pensam que só por que a pessoa é um pastor ele tem que ser pobre, então muitas vezes é pregado para a conscientização das pessoas que mesmo você sendo um religioso que ajuda as pessoas não significa que você não possa prosperar isso é um sinal de que só prospera quem segue de maneira honesta os princípios da religião.

Há divergência de opinião entre os entrevistados protestantes, onde visualizam o trabalho e o consumismo de maneiras diferentes, utilizando até mesmo a sua própria fé como fundamento ideológico.

4.3 Comparação entre a visão católica e protestante

Após verificar a percepção de trabalho de cada grupo estudado, é o momento de avaliar o conceito e apontar diferenças e semelhanças entre os dois grupos, utilizando a visão pessoal e a teoria abordada.

Os entrevistados vêm no trabalho principalmente, uma forma de se sustentarem, uma forma de sobreviver e manter os suprimentos de suas famílias, tanto os protestantes quanto os católicos, conforme Bastos, Pinho e Costa (1995) relacionam o trabalho à necessidade de existência, satisfazendo as necessidades de alimentação e moradia. Algumas opiniões chamam a atenção, como a do entrevistado “C3” onde ele vê o trabalho como a base de tudo e coloca o foco da sua vida no trabalho, o entrevistado “C2” por sua vez, tem uma visão totalmente contrária, não vê o trabalho como um foco da sua vida e nem algo primordial, para ele o trabalho é simplesmente um modo de sobreviver e hoje busca fazer da sua vida como os católicos faziam no início do catolicismo, trabalhando para se sustentar e executar suas tarefas de forma digna. Tais opiniões se assemelham à teoria de Weber (2004), onde o autor relaciona o trabalho como algo indispensável para os protestantes, onde os mesmos viviam para trabalhar, tal quanto a opinião do entrevistado “C3” (católico), enquanto os católicos trabalhavam apenas para manter a sua sobrevivência, conforme o entrevistado “C2” (também católico) disserta sobre a sua vida.

É perceptível a divisibilidade de opiniões dentro do grupo católico trazendo consigo raízes da percepção do trabalho para os protestantes, segundo Weber (2004); quanto ao grupo protestante o

discurso não muda muito, para os protestantes o trabalho é principalmente uma fonte de sustento e uma forma de desenvolver seus objetivos profissionais, a fala do entrevistado "P1" demonstra isso: "É um projeto de vida, onde planejamos o nosso futuro, eu quero sempre alcançar uma coisa melhor, subindo de setor e melhorando cargos." Os protestantes demonstram em sua fala, uma maior ambição quanto ao desejo de crescimento e desenvolvimento, não deixando explicitamente a busca incansável pelo dinheiro, mas demonstram a necessidade de crescimento profissional, conforme a fala do Entrevistado "P1":

A minha religião me influencia sim a buscar por mais, que sou capaz de alcançar coisas maiores para mim, em outras religiões dependendo você ia querer ficar estável, você não ia querer arriscar outra coisa, foi o que eu vi quando era de outra religião.

O entrevistado "P1" faz uma comparação com a religião protestante a qual segue hoje e o catolicismo conforme já fora seguidor, para ele o protestantismo te motiva a buscar por mais, enquanto o catolicismo te traz o desejo de ficar estável onde está, sem arriscar, assimilando-se ao estudo de Weber (2004), onde católicos preferem somente trabalhar para se manter e o protestante para crescer e acumular capital. Para Weber (2004), o protestante trabalhava muito para evitar os pensamentos de pecado e não abalar sua fé, o entrevistado "P2" confirma tal idéia, pois para ele sem trabalho até a fé pode ser abalada e os pastores e líderes religiosos sempre orientam os membros junto a importância do trabalho.

Trazendo consigo a realização, o protestante diferente do grupo católico se sente muito mais realizado quando executa aquilo que gosta, cumpre as tarefas e recebe o retorno financeiro; os católicos por sua vez, despertam o sentido realização quando cumprem os objetivos, superam desafios, atingem suas metas, desejos e possuem bons empregos. Em concordância com Morin (2001) que, relaciona o trabalho ao prazer de desempenhar bem as tarefas e cumprir seus objetivos, conforme os dois grupos demonstram em suas falas. É impossível não relacionar o trabalho ao capital e trazer consigo o desejo de consumo, os entrevistados foram intensamente críticos quanto ao consumismo atual, principalmente os católicos aonde vêm o consumismo como um grande problema na sociedade, os protestantes em sua maioria também condenaram tal padrão, mas admitiram que vivem e vivenciam pregações ou idéias que favoreçam o desenvolvimento do consumismo dentro de suas religiões,

acredito que o consumo se tornou necessário para manter o padrão de vida, sem consumo não há capitalismo, os produtos hoje em dia já vêm com uma capacidade inferior para que você consuma e acabe rápido, acho que o consumo está exagerado, mas necessário para manter o padrão de vida como está. (Entrevistado "P4")

Contrastando com tal opinião e demonstrando a diversidade de opiniões do grupo protestante, o entrevistado "P1" afirma: "Acredito que as pessoas estão sendo muito hipócritas, pois não adianta possuir muitos bens aqui nessa vida e quando morrer fica tudo aqui, o que adianta possuir muito aqui nessa terra?". Os protestantes admitem tais pregações dentro das igrejas, favorecendo o trabalho, o consumismo e a busca pelo crescimento profissional e financeiro, os católicos por sua vez, acreditam que essa pregação é inconsciente, não tão perceptível, mas que está surgindo dentro da religião a qual pertence.

5 CONCLUSÕES

Baseando-se nos dados analisados, é perceptível a importância do trabalho no sustento e, desenvolvimento profissional e financeiro para católicos e protestantes, as respostas se assemelham bastante, devido ao atual conceito capitalista, que segundo Weber (2004), fora moldado pela ética protestante. Abordando as atuais pretensões da sociedade, a problemática de pesquisa concentrou-se em descobrir se na sociedade contemporânea existe diferença entre a percepção do trabalho para católicos e protestantes sob a ótica de Max Weber, para atingir tal objetivo, entrevistou-se membros de ambas as religiões para compreender a percepção dos dois grupos, após isso, identificou-se e descreveu-se a percepção dos grupos entrevistados, para uma melhor comparação e análise de diferenças. Constatou-se portanto, uma grande semelhança na percepção do trabalho como algo extremamente necessário para o sustento, porém, também houve um contraste quanto à ganância de crescimento profissional e financeiro, para católicos e protestantes, os católicos vêm o trabalho como uma forma de sobreviverem, que também pode trazer crescimento e desenvolvimento, porém vêm no trabalho, uma forma de estar longe da família e isso pode se tornar prejudicial se não souberem trazer o equilíbrio para sua vida; os protestantes demonstram uma maior ambição pelo crescimento e

desenvolvimento, também lembrando que o trabalho é uma forma de se sustentarem, mas querem ir além de onde estão, muitas vezes motivados pela pregação de dentro de sua religião, colocando o trabalho como uma meta e fundamento da vida. Weber (2004), afirmou que o protestante via o trabalho como uma forma de se desenvolver, fazendo dele uma forma de adorar a Deus, dando o seu melhor, esquivando-se dos pecados e vícios mundanos, percebe-se hoje que os protestantes vivem esse sentimento, mesmo que inconscientemente, basicamente a teoria se assemelha à prática, muitos querem possuir mais e desenvolver o melhor para sua família, conquistando aquilo que querem com dignidade e se orgulhando por isso. Os católicos basicamente trazem os dois lados da moeda, a idéia cultural, histórica e teórica de Weber (2004), onde viam no trabalho uma fonte de se redimir e sobreviver, sem acúmulos ou soberba, porém, também é perceptível que a modernidade e o capitalismo moldaram a visão dos católicos contemporâneos, hoje a visão católica se assemelha muito à visão protestante, ambos querem não somente trabalhar, mas serem prósperos através do trabalho, crescendo profissionalmente e conseqüentemente financeiramente.

O Brasil é um país expressamente religioso e predominantemente cristão, a religião é um valor pessoal e intrínseco, que, de certa forma pode influenciar o colaborador na sua rotina de trabalho. É perceptível a mudança de hábitos através do contato próximo entre o sujeito e os valores religiosos, tanto protestante, quanto católico, tais contatos influenciam no desenvolvimento profissional através da ética e dedicação, trazendo consigo a satisfação profissional e financeira, afinal as empresas valorizam colaboradores de excelência, tal como trabalhadores de excelência também eram valorizados e prósperos no surgimento do protestantismo, quando os mesmos, davam seu tempo e dedicação ao trabalho, usando-o como uma forma de adoração, não cabe uma generalização, afinal são valores intrínsecos, mas, um profissional que possui valores próximos à organização e que disponha o desejo de se desenvolver, pode agregar muito valor aos recursos humanos da empresa. Evidenciou-se no trabalho que protestantes e católicos estão se tornando cada vez mais ambiciosos quanto ao assunto desenvolvimento profissional e financeiro, uma boa forma de cativar o colaborador com tais competências é alinhar os valores da empresa junto aos valores da ética e honestidade, valorizando o funcionário que busca esse desenvolvimento profissional de acordo com a sua cooperação para a empresa, cabe ao gestor desenvolver nesse colaborador a capacidade de ser um profissional de excelência, unindo capacidade produtiva e respeito aos valores.

O número de entrevistados é a limitação de pesquisa, devido à infinidade de informações que poderiam ser adquiridas devido ao grande número de adeptos às religiões pesquisadas, porém, não foi possível uma maior amostra devido à disponibilidade e acessibilidade dos entrevistados.

6 REFERÊNCIAS

ARSEGO, F. **Catolicismo e protestantismo**: a influência de ambos na vida econômica da idade média aos dias atuais. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Centro sócio-econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008). Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122542/Economia291805.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 de mar. De 2016.

AZEVEDO, R. **O IBGE e a religião** - Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%: Veja, 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-ibge-e-a-religiao-%E2%80%93-cristaos-sao-868-do-brasil-catolicos-caem-para-646-evangelicos-ja-sao-222/>> Acesso em: 25 de set. de 2016.

BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v.35, n.6, p.20-29, Nov/Dez 1995. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n6/a04v35n6.pdf>> Acesso em: 7 de set. de 2016.

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTUCCI, J. L. de O. **Metodologia Básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos**: Ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu. São Paulo: Atlas, 2009.

BÍBLIA SAGRADA: Traduzida por João Ferreira de Almeida, 3. ed. Geográfica Editora, Santo André-SP, 2003.

CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, A. de **O pequeno príncipe**, Agir, 2006. Disponível em: <<https://apreendaapreender.files.wordpress.com/2012/05/o-pequeno-principe.pdf>> Acesso em: 27 de set. de 2016.

SOARES, C. R. V. **Significado do trabalho**: Um estudo comparativo de categorias ocupacionais Dissertação (Mestrado em psicologia) - Departamento de Psicologia Social e do trabalho, instituto de psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X1999000100007&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 26 de set. de 2016.

SHEPHERDSON, K. V. **The meaning of work and employment**: psychological research and psychologists' values. Australian Psychologist, v. 19, n. 3, p. 311-320, 1984. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf>> Acesso em: 27 de set. de 2016.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.